



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
FACULDADE DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

BRUNA CAMILLY DE LIMA ALENCAR

MITOS E RELIGIOSIDADES: a construção do imaginário cultural e social paraense nos contos e lendas de Inglês de Sousa e Walcyr Monteiro

ANANINDEUA-PA

2025

BRUNA CAMILLY DE LIMA ALENCAR

MITOS E RELIGIOSIDADES: a construção do imaginário cultural e social paraense nos contos e lendas de Inglês de Sousa e Walcyr Monteiro

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de História, do Campus Universitário de Ananindeua, como requisito obrigatório para obtenção de grau de Licenciatura em História, pela Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Sueny Diana Oliveira de Souza

ANANINDEUA-PA

2025

BRUNA CAMILLY DE LIMA ALENCAR

MITOS E RELIGIOSIDADES: a construção do imaginário cultural e social paraense nos contos e lendas de Inglês de Sousa e Walcyr Monteiro

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de História, do Campus Universitário de Ananindeua, como requisito obrigatório para obtenção de grau de Licenciatura em História, pela Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Sueny Diana Oliveira de Souza

Data de aprovação: 08/04/2025

Conceito: Excelente

Banca Examinadora:

Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Sueny Diana Oliveira de Souza - UFPA

Examinador interno

Prof. Dr. Wesley Garcia Ribeiro Silva - UFPA

Examinador(a) interno(a)

...

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A368m Alencar, Bruna Camilly de Lima.
Mitos e Religiosidades : a construção do imaginário cultural e social paraense nos contos e lendas de Inglês de Souza e Walcyr Monteiro / Bruna Camilly de Lima Alencar, . — 2025.
40 f.

Orientador(a): Profª. Dra. Sueny Diana Oliveira de Souza
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Ananindeua, Curso de História, Ananindeua, 2025.

1. Mitos. 2. Lendas. 3. Imaginário. 4. Cultura. 5. Amazônia. I. Título.

CDD 306.409811

Dedico este trabalho à memória do meu avô, que sempre me incentivou a acreditar na Educação e me deu a chance de ensiná-lo, naquela lousa verde, o pouco que eu sabia — quando eu ainda nem sonhava em lecionar. No fim, foi ele quem mais me ensinou.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, com o coração cheio de fé, a Nossa Senhora de Nazaré, cuja força e ternura me sustentaram em cada passo até aqui.

Aos meus familiares, em especial, minha mãe Vanessa Lima, minha avó Neide Guimarães, minhas tias Vanusa Lima e Vanise Lima, por todo o amor, apoio incondicional e palavras de encorajamento nos momentos que mais precisei. Sem vocês me incentivando a alçar voos cada vez mais longos, nada disso seria possível. À minha irmã Heloísa e aos meus primos Théó, Valentina e Rui Neto, que, com sua alegria e leveza, me fortalecem todos os dias.

Aos meus amigos, que me acolheram com risos, escutas sinceras e companheirismo. Agradeço por estarem ao meu lado nos dias leves e também nos mais difíceis.

Aos amigos virtuais, em especial ao grupo EPN e à Andressa Freitas, dona da página MJInfos — da qual tenho imenso orgulho em fazer parte —, minha gratidão pelo carinho, pelas conversas e pelo vínculo construído a partir do amor pelo meu maior ídolo: Michael Jackson. Thayná, Giulia e Hagata, obrigada por dividirem comigo não só a admiração por ele, mas também tantos momentos de alegria, afeto e amizade verdadeira. Mesmo distantes fisicamente, vocês sempre foram presença real na minha vida.

Aos amigos da faculdade, com quem compartilhei não só salas de aula, mas também aprendizados, desabafos e conquistas. Em especial, a Izabelle Oliveira e Isthefany Letícia, pelas risadas, parceria e incentivo constantes.

Ao meu namorado, Marconi Pinheiro, pela paciência, apoio emocional e por acreditar em mim mesmo quando eu duvidava. Sua presença foi essencial durante esse percurso.

A todos que, de alguma forma, fizeram parte dessa caminhada, deixo minha gratidão mais profunda. Cada palavra, gesto e presença contribuíram para que eu chegasse até aqui.

RESUMO

Este trabalho busca refletir sobre uma face da história da Amazônia do século XIX e XX, tendo como base os valores sociais e culturais diante do cotidiano paraense representado nos contos e lendas, tão intrínsecos ao imaginário amazônico, apesar da tentativa de implementação forçada da religião e preceitos culturais dos colonizadores portugueses. Essa imposição do catolicismo, por sua vez, não se deu de maneira homogênea, tendo em vista a preservação de cultos indígenas e africanos distintos em diferentes espaços. Com base nessa perspectiva, o estudo analisa as obras *Visagens e Assombrações de Belém* (1986), de Walcyr Monteiro, e *Contos Amazônicos* (1893), de Inglês de Sousa, para compreender como essas narrativas constroem e refletem a vivência e o imaginário cultural paraense. Como resultado, enquanto Monteiro se dedica a preservar a memória oral das histórias fantásticas de Belém, Sousa, sob a ótica do Naturalismo, explora a materialidade dos elementos sobrenaturais no cotidiano do caboclo amazônico. Ambos os autores abordam o mesmo universo de crenças e lendas, mas com abordagens distintas: Monteiro, por meio de um resgate cultural, e Sousa integrando essas crenças ao seu estudo da sociedade amazônica, de maneira mais sutil. Assim, a pesquisa evidencia que, apesar da imposição católica, os mitos e as lendas permaneceram como um elemento essencial na construção do imaginário paraense, reforçando a resistência cultural dos povos amazônicos.

Palavras-chave: Mitos; lendas; imaginário; cultura; Amazônia.

ABSTRACT

This study aims to examine an aspect of Amazonian history during the 19th and 20th centuries, focusing on the social and cultural values embedded in the daily life of Pará, as portrayed through tales and legends that are deeply rooted in the Amazonian imagination. This analysis is framed against the backdrop of the forced imposition of religion and cultural norms by Portuguese colonizers. The introduction of Catholicism, however, did not occur uniformly, as various indigenous and African spiritual practices persisted in different regions. From this standpoint, the research analyzes *Visagens e Assombrações de Belém* (1986), by Walcyr Monteiro, and *Contos Amazônicos* (1893), by Inglês de Sousa, with the aim of understanding how these narratives construct and reflect the lived experiences and cultural imaginary of the people of Pará. Monteiro is primarily concerned with preserving the oral tradition and fantastic storytelling of Belém, while Sousa, adopting a Naturalist approach, emphasizes the tangible presence of supernatural elements in the everyday life of the Amazonian caboclo. Although both authors engage with the same universe of beliefs and legends, their approaches differ: Monteiro through cultural preservation and the valorization of popular memory, and Sousa through a more subtle integration of these beliefs into his literary exploration of Amazonian society. The study thus demonstrates that, despite the Catholic imposition, myths and legends have endured as essential components in shaping the cultural imaginary of Pará, reinforcing the cultural resilience of Amazonian communities.

Keywords: Myths; legends; cultural imagination; Amazonian culture; resistance.

LISTA DE SIGLAS

APJ	Academia Paraense de Jornalismo
DICIO	Dicionário Online de Português
IDESP	Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social do Pará
IHGP	Instituto Histórico e Geográfico do Pará
UEPA	Universidade Estadual do Pará
UFPA	Universidade Federal do Pará

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. INGLÊS DE SOUSA.....	12
2. 1. Naturalismo.....	12
2. 2. A obra e seu contexto.....	13
3. WALCYR MONTEIRO.....	23
3. 1. Contexto histórico da obra.....	24
3. 2. Sobre a obra.....	25
3. 3. A obra.....	26
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
FONTES.....	38
REFERÊNCIAS.....	39

1. INTRODUÇÃO

A colonização portuguesa na Amazônia, iniciada entre os séculos XVI e XVII, trouxe mudanças significativas no meio sociopolítico, cultural, econômico e religioso dos povos originários e dos africanos escravizados trazidos para a região. Essa fusão forçada de práticas de trabalho e crenças, próprias dos colonizadores portugueses, com as dos indígenas e africanos traduz-se em um etnocídio daqueles que, até então, possuíam concepções constituintes de um imaginário próprio na Amazônia. Esse imaginário foi obrigado a integrar práticas ibéricas, incluindo o catolicismo – a religião trazida pelos colonizadores. Conforme o Dicionário Online de Português (DICIO) (2025), esse processo de “junção ou mistura de cultos ou de doutrinas religiosas distintas, atribuindo um novo sentido aos seus elementos” é entendido como sincretismo.

Por outro lado, Eduardo Galvão (1955), em pesquisa sobre a Amazônia do século XX, afirma que o processo de imposição da fé católica deu-se de maneira desigual, à medida que não ocorreu um sincretismo total entre o catolicismo e as religiões indígenas e africanas. Isso ocorre porque muitos dos cultos próprios daqueles que foram colonizados não ocorrem de maneira simultânea, mas servem a situações e contextos diferentes, podendo ser realizados pelas mesmas figuras, porém não ao mesmo tempo e tampouco para as mesmas finalidades, não havendo, portanto, uma fusão entre os cultos.

Nesse contexto, é crucial analisar uma das principais faces da história amazônica, partindo de uma perspectiva social e cultural, representada em narrativas místicas, as quais foram construídas em um cenário de imposições e lutas. Apesar da resistência das religiosidades indígenas e africanas no interior da Amazônia, o ato de crer em mitos e lendas assume uma configuração diferente, determinada pelo meio – urbano ou rural – em que está inserido. Galvão (1955) postula que, quanto mais localizado nos centros urbanos, maior é a força e a influência do catolicismo nesses espaços, dado o seu domínio nas metrópoles. Isso resulta na marginalização das práticas e cultos do meio rural, que passam a ser entendidos como superstições e podem até mesmo desaparecer. Em contrapartida, nos interiores, a vivência das populações é permeada pelo sobrenatural de maneira ordinária.

Dessa forma, este trabalho pretende debater a representação social e cultural do misticismo na história da Amazônia, considerando sua complexa rede de relações, que expressa o imaginário e o cotidiano da metrópole e dos interiores paraenses. Leva-se em conta que, segundo Roque Laraia (1997, p. 46), “o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado”. Para tanto, analisa-se a materialidade dos contos fantasiosos presentes nas obras

Visagens e Assombrações de Belém (1986), de Walcyr Monteiro, e *Contos Amazônicos* (1893), de Inglês de Sousa, destacando como essas narrativas constroem e refletem essa dimensão simbólica e material.

2. INGLÊS DE SOUSA

Herculano Marcos Inglês de Sousa nasceu em 28 de dezembro de 1853, em Óbidos (PA). Criado em uma tradicional família paraense, era filho do desembargador Marcos Antônio Rodrigues de Sousa e de dona Henriqueta Amália de Góis Brito Inglês. O autor iniciou seus estudos no Pará, mas, em 1864, mudou-se para o Maranhão, onde foi matriculado no colégio de Sotero dos Reis, a fim de continuar e completar os primeiros anos de escolarização. No ano de 1867, transferiu-se para o Rio de Janeiro para cursar o ensino secundário no Colégio Perseverança, onde permaneceu em regime de internato. Já em 1870, Sousa seguiu para Recife (PE), onde se matriculou na Faculdade de Direito e, em 1876, transferiu-se para São Paulo, onde finalmente concluiu o curso de Direito (Martins; Teixeira, 2005).

Além de advogado, também foi professor, político, jornalista e escritor. Como escritor, Sousa foi um dos membros fundadores da Academia Brasileira de Letras, tendo ocupado a cadeira nº 28. Escreveu, inicialmente, sob o pseudônimo Luiz Dolzani, publicando a obra considerada introdutora do naturalismo no Brasil, *O Coronel* (1877). Influenciado por autores europeus como Émile Zola e Eça de Queirós, ganhou reconhecimento literário em 1891, com a publicação de *O Missionário* (Martins; Teixeira, 2005).

Ademais, Inglês de Sousa destacou-se também na política, tendo sido militante do Partido Liberal em 1878, eleito deputado provincial pela província de São Paulo e nomeado presidente das províncias de Sergipe e do Espírito Santo. Por fim, foi deputado federal pelo Pará, em março de 1918, poucos meses antes de falecer, em 6 de setembro do mesmo ano.

2. 1. Naturalismo

Adentrando a corrente filosófica em destaque, o Naturalismo surge no século XIX, na Europa, por meio do francês Émile Zola, em sua obra *O Romance Experimental* (1880). Nesse contexto, torna-se importante destacar que a segunda metade do século XIX na Europa foi marcada pela forte ascensão da burguesia e por seus interesses industriais e materialistas, além do crescente número de operários fabris e do desenvolvimento da Ciência,

especialmente das Ciências Naturais. Desse modo, os métodos do cientificismo tornaram-se únicos e cruciais para a análise social, política e econômica.

No Brasil, o Naturalismo tem como expoente o escritor Aluísio de Azevedo, em suas famosas obras *O Mulato* (1881) e *O Cortiço* (1890). Aqui, essa corrente deu maior destaque às questões sociais mais agravantes, tendo como objetivo colocar em pauta os tabus morais e as hipocrisias da sociedade brasileira. No entanto, antes de Aluísio de Azevedo, Inglês de Sousa já havia se aventurado no gênero, com obras publicadas em 1876 e 1877, que introduziram um Naturalismo inicialmente ignorado por outros escritores e críticos.

Paradoxalmente, Inglês de Sousa, em *Contos Amazônicos*, narra mitos e lendas, contrariando os pressupostos do Naturalismo, haja vista que essa corrente, como dito anteriormente, é pautada na ciência, naquilo que pode ser comprovado. No entanto, mesmo que as crenças espirituais não pudessem ser comprovadas, ao analisá-las, Sousa tem a possibilidade de observar o comportamento daqueles indivíduos de maneira mais ampla e precisa. Do mesmo modo, embora a obra seja considerada um expoente do Naturalismo, é em *Contos Amazônicos* que o autor começa a se distanciar da escrita unicamente naturalista, adentrando narrativas de caráter mais regional sob a ótica ampliada do Romantismo, o qual prioriza o real, o cotidiano e as hipocrisias sociais.

Diante disso, Sousa, em *Contos Amazônicos*, apresenta histórias recheadas de descrições detalhadas sobre os valores coletivos daquele povo e da natureza, na tentativa naturalista de compreender os acontecimentos sociopolíticos por meio da explicação científica. Evidencia-se, assim, que os indivíduos, suas ações e pensamentos são determinados pelo ambiente e pela hereditariedade, ainda que isso pareça distante da lógica, como ocorre nos contos de literatura fantástica narrados por Inglês de Sousa, mesclados a uma tendência crítica do Realismo.

2. 2. A obra e seu contexto

Inglês de Sousa, em seu livro intitulado *Contos Amazônicos*, publicado em 1893, retrata histórias de sujeitos marginalizados pela sociedade paraense da segunda metade do século XIX, dividindo a obra em nove contos: “Voluntário”, “A feiticeira”, “Amor de Maria”, “Acauã”, “O donativo do capitão Silvestre”, “O gado do Valha-me-Deus”, “O baile do Judeu”, “A quadrilha de Jacó Patacho” e “O rebelde”. Na obra, destacam-se momentos marcantes da história brasileira, como a Revolta da Cabanagem (1835-1840), em “O rebelde”, e, em “Voluntário”, os soldados brasileiros convocados para a Guerra do Paraguai

(1864-1870), além de outros cenários importantes, como a abolição da escravatura e a Proclamação da República. Tudo isso é envolto em um universo místico, materializado na obra sob a perspectiva de uma história vista “de baixo para cima”, em que figuras socialmente marginalizadas ganham voz para denunciar problemas que permeiam suas vivências. A narrativa é marcada por influências do Naturalismo e do Realismo, com uma linguagem simples e expressões típicas da população mais pobre daquela sociedade.

Escrito no final do século XIX, mas com narrativas que remontam a momentos desde o início do século, o livro denota a necessidade de contextualizar a vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1807. Esse evento ocasionou mudanças nas relações entre a metrópole e a colônia e agravou as desigualdades sociais devido ao aumento dos impostos para manter a qualidade de vida da Coroa, impulsionando revoltas populares. A título de exemplo, pode-se citar a Revolução Pernambucana de 1817, em que os revoltosos estavam insatisfeitos com o desfavorecimento regional. Acreditavam que o deslocamento da Coroa para o Rio de Janeiro dava destaque e privilégio apenas àquela cidade, deixando as demais regiões em segundo plano (Martins; Teixeira, 2005).

Na obra de Inglês de Sousa, a Revolução Pernambucana recebe um pequeno destaque no conto “O rebelde”, o mais longo do livro, dividido em nove partes. Nele, um dos principais personagens, Paulo da Rocha, esteve entre os revoltosos, lutando em defesa da causa popular e sendo um soldado fiel de um dos líderes da revolta, o comerciante Domingos José Martins. Anos mais tarde, na década de 1830, já no Pará, Paulo da Rocha levava uma vida pacífica, mas era temido pela população do vilarejo onde vivia, situação que se agravava com o contexto de outro movimento de revolta popular: a Cabanagem (1835-1840).

Na mesma década de 1830, enquanto ocorria a Cabanagem no Pará, diversas outras revoltas populares foram organizadas no país. Esse cenário estava diretamente ligado ao início do período regencial, em que regentes alternavam o poder da Coroa até que Dom Pedro II (1825-1891) atingisse a maioria para assumir o trono. Assim, a década de 1830 foi marcada por incertezas quanto ao futuro do país, pelo aumento das desigualdades sociais e pelo crescimento das disputas pelo poder, com conflitos entre pequenas elites pelo controle regional. Isso resultou em revoltas provinciais, como a Balaiada (1838-1841), no Maranhão; a Farroupilha (1835-1845), no Rio Grande do Sul; a Sabinada (1837-1838), na Bahia; a Revolução Pernambucana de 1817, em Pernambuco; e a Cabanagem (1835-1840), no Pará.

A Cabanagem, um dos acontecimentos mais marcantes da história paraense, foi fruto da insatisfação popular com o isolamento do Pará em relação ao restante do Brasil. Esse descontentamento levou os revoltosos – mestiços, indígenas, escravizados, dependentes e

pequenos proprietários – a conquistar Belém. Além disso, o patriotismo exacerbado dos cabanos impulsionava ataques contra comerciantes portugueses que viviam na região, vistos como exploradores de um território que não lhes pertencia (Martins; Teixeira, 2005).

Diante desse contexto, “O rebelde” tem início com Luís como narrador-personagem, reaparecendo 40 anos depois para contar a história de sua fuga dos cabanos, ocorrida na década de 1830. Luís relembra como, naquela época, era fascinado por tudo que era desprezado pelos outros e, assim, destaca-se a figura de Paulo da Rocha, um senhor negro, nascido em Pernambuco, que lutou na Revolução Pernambucana de 1817 em defesa da liberdade dos negros e da reabilitação dos caboclos. Agora, em 1832, vivendo em Vila Bela, o “velho do outro mundo”, como era chamado, era visto como estranho e misterioso, amedrontando todos os moradores da vila com seu jeito ranzinza – com exceção do garoto Luís, filho do Juiz de Paz Guilherme da Silveira, que se encantava com as histórias de Paulo.

No entanto, à medida que as notícias sobre os cabanos se espalhavam pela região, os moradores tentavam fugir. Nesse momento, revela-se a predileção de Paulo pelos cabanos, pois, para ele, aqueles homens lutavam pelo povo, assim como ele lutara, mesmo que de maneiras distintas. Por isso, ele decide não fugir. Quando os cabanos chegam e juram de morte o rico português Guilherme da Silveira, Paulo tenta proteger o menino Luís. Antes de se entregar, Guilherme pede perdão por ter temido Paulo, que, naquele momento, jura pela vida da própria filha que cuidaria de Luís.

Em fuga, Paulo, sua filha Júlia, o padre João da Costa, Luís e sua mãe passaram dias escondidos na casa de uma viúva chamada Andresa, amiga de Paulo. No entanto, os cabanos logo exigem que Paulo se apresente ao líder Matias Paxiúba. Quando ele parte para o encontro, os refugiados buscam um novo esconderijo e se despedem de Paulo e Júlia.

Duas semanas depois, após Paxiúba liberar Paulo para buscar Luís, o velho retorna sozinho ao esconderijo para ajudar na continuidade da fuga dos refugiados para Serpa. Quando questionado sobre Júlia, afirma que ela ficou como refém, garantia de que ele retornaria. Contudo, apenas 40 anos mais tarde Luís descobre a verdade sobre o destino da jovem: os cabanos exigiram que Paulo entregasse Luís para ser morto, pois consideravam injusto que o filho de um português continuasse vivo. Paulo, no entanto, se recusa, pois havia prometido protegê-lo. Quando retorna para os revoltosos, Luís, sua mãe e o padre nunca mais o veem.

Assim, Paulo e Júlia tornam-se prisioneiros dos cabanos. Com o fim da Cabanagem, o jovem Luís retorna anos depois e descobre que o “velho do outro mundo”, que jurara protegê-lo, estava preso, agora pelo Estado. Após um ano de esforços para conseguir sua

libertação, quando finalmente a obtém, Paulo da Rocha falece nos braços de Luís dois dias depois.

Desse modo, Sousa revela aspectos profundos da identidade cabana: eram homens e mulheres negras e tapuios, vistos com desprezo por aqueles que se consideravam intelectualmente superiores, como as vítimas dos revoltosos, a exemplo de Guilherme da Silveira e sua família. No conto, percebe-se o imaginário social de medo em relação aos rebeldes, que buscavam dignidade, ainda que por meios controversos. O ódio dos cabanos aos portugueses é exemplificado pela perseguição ao pai de Luís, que foi jurado de morte, perseguido e assassinado, além de ter sua casa incendiada pelos revoltosos.

Ainda no contexto de histórias que têm como “pano de fundo” a Cabanagem, destaca-se, nesse mesmo cenário de medo que a população sentia dos cabanos e de seus ideais libertários, “A quadrilha de Jacó Patacho”, na qual um grupo de criminosos assombrava a população com assaltos, crimes sexuais e revoltas. O enredo gira em torno de um episódio no qual esses criminosos invadem a casa de uma família rica, pedindo abrigo tarde da noite, mas, na verdade, com seu bando à espera para atacar durante a madrugada, resultando em um sangrento embate. Sousa aborda, então, os conflitos entre aqueles que ainda viriam a se tornar cabanos, à medida que retrata a história do grupo criminoso liderado por Manoel Saraiva.

O conto, que se passa no ano de 1832, evidencia a crueldade de uma quadrilha que, sob ideais cabanos, dizimou a família de Félix Salvaterra. O episódio se inicia quando dois homens surgem no sítio isolado da família, localizado entre Irituia e Santarém, e pedem abrigo, pois já era tarde, chovia e precisavam proteger a carga que transportavam. Enquanto os dois explicavam a situação, Anica, filha do português Félix Salvaterra, começa a ficar temerosa, pois as histórias sobre as crueldades dos cabanos estavam se espalhando, e o rosto de um dos homens lhe parecia familiar.

Quando todos foram dormir, Anica, atordoada, permaneceu tentando lembrar de onde conhecia o rosto de um dos homens, instaurando-se um momento de tensão na narrativa até que a moça se recorda: ela o havia visto quando voltava de Santarém, em uma das viagens com seu pai. Também se lembrava do nome Manoel Saraiva, o mesmo nome do inescrupuloso Jacó Patacho.

Ao desvendar a incógnita, a jovem desespera-se, pois já tinha consciência do horror que cercava sua família. Assim que conseguiu gritar, percebeu que Jacó Patacho estava em seu quarto tentando agarrá-la. Nesse momento, Anica trava uma luta corporal com o criminoso, que logo tenta beijá-la, mas é interrompido por Félix e seus dois filhos. No entanto, o restante da quadrilha cerca a casa e transforma tudo em uma sangrenta e violenta

batalha, que resulta na morte de Patacho e de alguns membros do grupo, além de dizimar toda a família, exceto Anica e sua mãe, que são levadas pelo bando.

Nesse conto, o autor prioriza ressaltar a história da batalha em vez de se estender em longas descrições sobre personagens e suas vivências, trazendo o ponto de vista de quem viveu a tragédia e teve sua vida completamente transformada pelos horrores destacados na narrativa cabana. Isso difere do que ocorre em “O rebelde”, pois, apesar de ambos os contos abordarem a Cabanagem, Paulo da Rocha era defensor dos ideais cabanos, mesmo não concordando com seus métodos.

Além da Cabanagem, a Guerra do Paraguai (1864-1870) também se torna um ponto-chave na obra de Sousa, sendo o centro do primeiro conto do livro do autor. A guerra foi um conflito do Paraguai – liderado por Solano López (1827-1870), que dizia querer libertar o povo paraguaio – contra a Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai). No entanto, historiadores como Boris Fausto (1998), Ricardo Salles (1990) e Francisco Doratioto (2002) a compreendem como uma guerra entre os recém-formados Estados nacionais da América Latina, em busca de maior controle sobre o continente (Porto Júnior, 2002).

Expressada em “Voluntário”, Inglês de Sousa denuncia os recrutamentos forçados e ilegais que ocorriam nesse contexto, como no caso da convocação de Pedro para a guerra, apesar de sua situação não estar em conformidade com as regras. Pedro era um jovem pescador de dezenove anos, que vivia envolto pela melancolia e solidão ribeirinha, na região de Alenquer. Filho único da viúva tapuia Rosa, era também o único provedor da casa. Certo dia, recebe a visita do capitão Fabrício, recrutador de Alenquer, que o convida a ser voluntário na guerra. No entanto, ao argumentar a impossibilidade de lutar por ser filho único de uma mãe viúva, o capitão afirma que, se Pedro não quer ser voluntário, então está recrutado para lutar na Guerra do Paraguai.

A discussão se intensifica, resultando em uma briga cada vez mais violenta. Diante da forte resistência de Pedro e de sua mãe, ambos acabam brutalmente espancados até que o rapaz é levado à força para o recrutamento, sob as ordens do capitão Fabrício.

Ao longo do conto, Sousa revela aspectos interessantes da história paraense, como a existência de fazendeiros que prometiam livrar famílias do recrutamento em troca de trabalho forçado. Essas famílias, depois de rendidas, ficavam à mercê da violência e crueldade dos fazendeiros. No entanto, esse não foi o caso da tapuia Rosa, que, após o ocorrido, buscou meios jurídicos para resolver a injustiça. Para isso, recorreu ao único advogado da região – o narrador-personagem –, que estava em Santarém. Porém, tudo foi em vão, pois nem mesmo a lei poderia salvar o jovem do recrutamento.

O conto evidencia a luta desesperada da mãe para livrar seu único filho da guerra e da morte iminente. Infelizmente, sua tentativa foi frustrada, e a viúva perdeu também seu filho, passando o resto dos dias vagando pela cidade de Santarém.

Já em “O donativo do capitão Silvestre”, Inglês de Sousa novamente levanta questões sobre as vivências do homem amazônico na iminência de conflitos externos, com destaque para o crescente sentimento patriótico. Isso se dá no contexto da Questão Christie (1862-1863), um conflito diplomático entre Brasil e Inglaterra, motivado pela apreensão de navios mercantes brasileiros pela Marinha britânica, após brasileiros terem se apropriado da carga de um navio inglês naufragado e seus tripulantes terem sido presos embriagados no Rio de Janeiro. Esse episódio levou ao rompimento das relações diplomáticas entre os dois países. Diante desse conflito, a possibilidade de o Brasil entrar em guerra com a Inglaterra fez ressurgir um sentimento patriótico que, segundo o autor, não se observava desde a Cabanagem. Desse modo, os personagens do conto, liderados pelo coronel Gama e pelo juiz municipal da cidade de Óbidos, no Pará, buscavam angariar fundos para financiar o armamento do Exército brasileiro, caso o conflito se concretizasse.

O conto evidencia como a Questão Christie era debatida fervorosamente pelos personagens, enquanto o governo se aproveitava disso para fomentar o sentimento patriótico e obter donativos. As doações eram registradas em uma lista, onde se anotavam as assinaturas e os valores doados, sem estipular um mínimo ou máximo.

Foi então que recorreram a um dos homens mais ricos da cidade, o capitão Silvestre, crenes de que, por estar financeiramente mais favorecido, sua doação seria significativa. Ao explicarem-lhe a situação, ele decidiu doar cem bacamartes, acrescentando: “E quinhentos cartuchos embalados para guerrear esse governo que barateia os brios da Nação”.

Os dois personagens sentem-se ofendidos e atacados pela motivação e pelo valor da doação do capitão Silvestre, uma vez que ele realiza uma crítica ao governo e demonstra verdadeiro patriotismo ao contribuir com uma quantia maior do que aqueles que estavam mais preocupados com a projeção social que os donativos lhes proporcionariam.

Outro acontecimento marcante na história do Brasil, no século XIX, é a questão da escravidão, constantemente citada por Sousa em seus contos, entre personagens como a ama de leite de Mariquinha – sua “mãe preta”, Margarida, feiticeira punida por envenenar o jovem por quem Mariquinha estava enamorada, na história intitulada “Amor de Maria”. Além das questões que evidenciam os contextos históricos, revelando muito sobre os homens amazônicos em diferentes facetas e preocupações sociais, políticas e econômicas, há uma mescla com o fantástico, que também pode ser evidenciada em “Amor de Maria”.

Nesse conto, Sousa desenvolve uma narrativa fantástica com a personagem Mariquinha, de dezesseis anos, a moça mais linda e cobiçada de Vila Bela, afilhada do tenente-coronel Álvaro Bento. Acostumada a ter todos os homens aos seus pés e a ignorá-los, Mariquinha se encanta pelo recém-chegado filho do capitão Amâncio, Lourenço. Cheio de modos da cidade grande, Lourenço é descrito como um príncipe chegando ao pequeno vilarejo.

Com a proximidade entre as famílias de Mariquinha e Lourenço, ocorre uma viagem a um vilarejo vizinho. Na ida, os jovens davam gargalhadas juntos, e Mariquinha estava alegre e saltitante com sua paixão. Contudo, na volta, Lourenço foca sua atenção em outra garota, Lucinda, filha do juiz, de então 20 anos, deixando Mariquinha de lado. A jovem não disfarça sua insatisfação e tristeza, além do ego ferido, pois Lucinda era considerada a mais feia da vila.

Dias depois, após perambular pela cidade entregue à tristeza, Mariquinha aceita um convite para um passeio com sua família. Para sua surpresa, encontra Lourenço, que lhe faz juras de amor, afirmando que Lucinda não significava nada para ele. No dia seguinte, reunidos na casa do capitão Amâncio, Lourenço surpreende Mariquinha novamente, mas de maneira negativa: ele está com Lucinda e, publicamente, trocam abraços e carícias, demonstrando grande afeto. Totalmente decepcionada, Mariquinha chora no colo de sua ama de leite, Margarida. Ao tentar consolá-la, a mulher relembra as paixões e casamentos da família da jovem, ressaltando que não aconteceram de maneira natural, mas sim com a ajuda de um feitiço que ela mesma realizava há anos.

Uma semana depois, Lourenço visita a casa de Mariquinha, que, convencida, aceita que Margarida faça o feitiço para enfeitiçá-lo. O único requisito era que ele bebesse um café misturado com a poção mágica. Após ingerir a bebida, Lourenço passa mal, sofre convulsões e morre. Margarida, na verdade, havia utilizado um veneno vegetal. Assustada, Mariquinha desaparece, e sua “mãe preta”, questionada pela polícia sobre a morte do rapaz, admite culpa e morre em decorrência de maus-tratos. O “tajá”, nome do veneno vegetal, passa a ser conhecido na região como “Amor de Maria”. Esse episódio demonstra como o fantástico se apoia na ciência ao mesmo tempo que constrói uma narrativa fantasiosa para explicar sua origem, em meio ao contexto da escravidão, que resulta na morte de Margarida.

Além das questões que evidenciam os contextos históricos, revelando muito sobre os homens amazônicos em suas diferentes facetas e preocupações sociais, políticas e econômicas, o fantástico se insere de maneira natural. Mesmo não sendo o foco central do debate, contos como “A feiticeira”, datado da década de 1870, abordam diretamente o conflito

entre acreditar ou não nas histórias fantásticas da região. Nesse conto, o velho Estevão narra para Silveira, em tom crítico, a história do tenente Antônio de Sousa, que dizia não acreditar no sobrenatural, no diabo ou nas feitiçeras. O tenente, que viveu em Belém, sustentava essa visão porque, segundo Estevão, “a civilização tem acabado com tudo que tínhamos de bom”. Na visão do velho narrador, não havia como duvidar da existência dessas criaturas, pois eram consideradas instrumentos do diabo, permitidas por Deus para castigar os pecados dos homens. A fala de Estevão corrobora a tese de Eduardo Galvão (1955), que argumenta que, quanto mais localizado nos centros urbanos, maior é a influência do catolicismo, o que resulta no entendimento das práticas e cultos rurais como meras superstições, levando até ao seu desaparecimento.

Nessa história, que se passa em Óbidos (PA), Antônio de Sousa desafia os conselhos dos que acreditavam nos mitos e lendas e se interessa por conhecer Maria Mucoim, dita feitiçeira que se transformava em pata. Em tom de deboche, ele a questiona diretamente se era, de fato, a “mulher do diabo”. Depois que a idosa se recusa a responder, mais tarde, o tenente vai até sua casa para confrontá-la. Ao entrar no local com violência, depara-se com um amontoado de ossos humanos e diversos animais que obedeciam aos comandos de Maria Mucoim. Uma luta brutal se inicia entre o tenente e a idosa, junto de suas criaturas.

Amedrontado e machucado, o tenente finalmente consegue fugir, mas, ao chegar à casa do amigo onde estava hospedado, encontra o local deserto. Nesse momento, percebe que a casa começa a ser inundada pela forte chuva. Segundo a narração de Estevão, Maria Mucoim aparece em um barco para caçar do tenente, que ali fica e se afoga. O conto é interrompido por Silveira, que escutava a história de Estevão. Nessa narrativa, o fantástico ganha vida e levanta discussões sobre aqueles que não creem no folclore, ao mesmo tempo que descreve de maneira natural aquilo que parece irreal, evidenciando o contraste entre os que temem e respeitam a espiritualidade e os que ousam duvidar dela.

Outro conto de forte narrativa fantástica é “Acauã”, nome de uma ave conhecida na região de Faro, no Largo do Amazonas, por seu canto mal-agourado, que anuncia fortes chuvas. Nessa história, um caçador tenta voltar para casa, mas o caminho sempre lhe escapa. Cercado por uma forte tempestade, ele ouve o som de uma serpente sucuriju, o que indica um possível parto. Aterrorizado, o caçador corre, cai e assusta um pássaro escuro, o Acauã, que solta um forte grito agourento. Em seguida, ele cai em um sono profundo. Ao acordar, encontra uma criança em uma canoa ao lado, pega-a nos braços e a leva para casa.

No dia seguinte, o viúvo capitão Jerônimo Ferreira não se lembra de nada, apenas sabe que aquela era sua filha, a quem dá o nome de Vitória, criando-a junto de sua outra filha,

Aninha, de então dois anos de idade. As duas crescem juntas, mas, ao longo dos anos, a vila inteira estranha como Aninha perde seu brilho e torna-se cada vez mais pálida e apática, enquanto Vitória se mostra feroz e robusta, sempre fugindo para a mata durante a noite.

Aos 14 anos, Aninha recebe propostas de casamento de dois rapazes. Inicialmente, aceita o primeiro pretendente, mas depois muda de ideia. Com o segundo, acontece o mesmo. Seu pai, intrigado, a questiona, mas ela não lhe dá resposta. Cansado, Jerônimo decide que a filha se casará de qualquer forma, obrigando-a a aceitar um casamento, na tentativa de afastá-la de sua tristeza.

Nesse momento, então, Vitória desapareceu tomada pela raiva e reapareceu somente no dia do casamento, interrompendo a cerimônia com uma revelação assustadora. Vitória estava com a cabeça de cobra e a língua bifurcada, igual à de uma serpente. Sua irmã, Aninha, vestida de noiva e pronta para casar-se na igreja, começou a se debater e a ter convulsões no chão. Dobrou os braços como asas, começou a batê-los e gritou “acauã”, ecoando pela igreja, enquanto, no telhado, uma voz respondeu repetindo a palavra “acauã”. Assim, o conto termina com todos compreendendo que se tratava de uma desgraça prenunciada pelo pássaro Acauã, e Vitória era a filha da sucuriju, reunindo uma série de narrativas fantasiosas típicas da região amazônica.

No conto “O baile do judeu”, aparece uma figura bastante conhecida no folclore da região Norte do Brasil, em meio a uma inusitada festa, que evidencia as divergências religiosas entre cristãos e judeus. No conto, um judeu decidiu realizar uma festa e convidar quase todo o vilarejo; apesar das divergências, muitos compareceram, resultando em uma superlotação às oito horas da noite, horário de início da celebração. Os convidados surpreenderam-se com a animação da festa, que contava com a orquestra de todos os domingos da igreja Matriz. No entanto, a personagem de maior destaque na história é uma das convidadas, dona Mariquinhas. A moça era recém-casada com o tenente-coronel Bento de Arruda – rico e viúvo –, mas, há pouco tempo, vinha sendo cobiçada por outros rapazes, incluindo o insistente Lulu Valente, apaixonado por Mariquinhas, cujo maior azar era ser desafortunado.

No decorrer da festa, já por volta das onze da noite, surge um rapaz misterioso, malvestido, com um grande chapéu que cobria quase totalmente seu rosto. Ele insiste em dançar com Mariquinhas e logo se torna a principal atração da festa, fazendo com que todos rissem e se divertissem – incluindo o marido da moça, Bento de Arruda – ao observarem a maneira peculiar como o sujeito misterioso dançava, além de admirarem sua ousadia ao convidar uma mulher recém-casada para dançar. Na grande empolgação, os dois dançaram a

mesma música seis vezes, até que, ao trocarem para a valsa, o rapaz deixou o misterioso chapéu cair, revelando sua verdadeira identidade. Todos ficaram horrorizados ao perceberem seus traços de boto. Após a grande revelação, o boto correu com Mariquinhas para o rio e desapareceu. O episódio fez com que ninguém nunca mais comparecesse às festas do judeu.

Desse modo, no conto sobre a festa do judeu, a narrativa novamente se volta para o fantástico, trazendo uma figura marcante do folclore amazônico: o boto. De acordo com Daniel Silva (2024), sua principal característica é transformar-se em um homem sedutor, vestindo-se de branco da cabeça aos pés, incluindo um chapéu para esconder a cabeça, já que sua transformação não é completa e, portanto, no topo de sua cabeça permaneceriam suas narinas de boto. O antropólogo Herald Maués (2005) acrescenta que os botos estão classificados na categoria de Encantados “do fundo”, ou seja, aqueles seres que surgem das águas e podem apresentar características híbridas, sendo ao mesmo tempo boto e homem. Depois de transformado, o boto frequenta bailes em regiões ribeirinhas para atrair moças e levá-las consigo, mas, antes do fim da noite, as abandona e desaparece (Silva, 2024).

Já em “O gado do Valha-me-Deus”, Domingos Espalha é o narrador-personagem, que relata o dia em que ficou encarregado de cuidar da fazenda Paraíso, marcar o gado e capturar uma vaca para a festa de São João. Para essa tarefa, que considerava fácil, chamou seu amigo Chico Pitanga para ajudar. Juntos, partiram pela fazenda abandonada de Amaro Pais em busca de uma rês. No caminho, encontraram uma vaca descansando à sombra de uma árvore e decidiram que aquela seria laçada. Chico Pitanga, após muita relutância, criou coragem e laçou a vaca, descrita como bonita e encantadora. No entanto, ela caiu morta repentinamente. Diante disso, decidiram que seria melhor cortá-la ali mesmo.

Em seguida, veio a maior surpresa: ao cortarem a vaca, perceberam que ela estava cheia de espuma branca, sendo apenas “ossos, espuma e couro”. Assustados, seguiram na busca por uma vacada, mas nada encontraram, exceto marcas de gado que indicavam um rebanho com mais de cinco mil cabeças. No entanto, não avistaram nenhum animal, apenas ouviram seus uivos. Chico Pitanga sugeriu que aquilo era um castigo por terem matado a vaca, que era a mãe daquele rebanho; agora, deveriam suportar o choro dos animais. Assim, a dupla seguiu viagem rumo à Serra do Valha-me-Deus, ouvindo constantemente os lamentos do gado, que, mesmo após chegarem à serra, nunca encontraram. Dessa forma, a tarefa que Domingos Espalha julgara fácil sequer foi realizada, e ambos retornaram à fazenda Paraíso sem nenhuma rês.

O conto, assim como os demais, faz parte de uma das narrativas fantásticas tipicamente contadas pela população amazônica, misturando mistério e fantasia sob a ótica do

Naturalismo de Inglês de Sousa. A obra apresenta descrições e observações detalhadas sobre a região, mas também sobre o homem que nela vive, seus anseios e paixões, aproximando-se de traços do Realismo. Segundo Matheus Martins e Marcos Teixeira (2005):

O naturalismo que encontramos nos *Contos amazônicos* parece surgir principalmente dessa preocupação que o autor tem em retratar detalhadamente uma região. Ainda que, como foi ressaltado por Lúcia, não apresente os modismos naturalistas, a linguagem de Inglês de Sousa se revela objetiva e lógica. A obra, no entanto, apresenta algumas características que a especificam dentro da estética naturalista. Assim, temos, em vários contos, a narrativa em primeira pessoa e a presença de mitos e lendas que convivem com um realismo ou mesmo um cientificismo na obra (Martins; Teixeira, 2005, p. 7).

Dessa forma, a obra *Contos Amazônicos*, de Inglês de Sousa, exprime a vida e o cotidiano do homem amazônico, revelando-se complexa à medida que relaciona o contexto histórico e as problemáticas sociais com os mitos e religiosidades da região. A abordagem do autor se dá de maneira irreverente, mas também crítica, partindo de uma lógica cientificista. Essa Amazônia retratada pelo autor destaca-se, segundo Martins e Teixeira (2005), como um espaço contextual e cultural, que traz seus próprios mitos, personagens, episódios, imaginários e memórias.

Em destaque, as histórias da obra, repletas de simbologias e misticismos, são retratadas por um dos maiores nomes do Naturalismo no Brasil. Ainda que não acreditasse na mitologia, Inglês de Sousa debateu o complexo imaginário paraense, evidenciando a forma como esse misticismo permeia a vida e o cotidiano amazônico, expressando-se socioculturalmente diante das mais diversas conjunturas (Couto, 2023).

3. WALCYR MONTEIRO

Nascido em 27 de janeiro de 1940, em Belém do Pará, Walcyr José da Silva Monteiro – “Walcyr Monteiro” – foi licenciado em Ciências Sociais pela extinta Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA); bacharel em Economia pelas Faculdades Integradas do Colégio Moderno de Belém; e atuou como professor de Sociologia no ensino médio e no ensino superior, lecionando as disciplinas Economia Brasileira, Antropologia Cultural e Ciência Política. Além disso, destacou-se como jornalista, pesquisador e folclorista.

Sua obra mais famosa, aqui discutida, é *Visagens e Assombrações de Belém*, publicada como livro em 1986, cujas histórias foram inicialmente contadas no jornal *A Província do Pará*, em 1972. Além dessa, Monteiro também foi autor de *Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia* (1998-1999) e *As Incríveis Histórias de Caboclo do Pará* (1998). Sua principal obra serviu de base para a produção do roteiro do longa-metragem *Lendas Amazônicas* (1998) e do curta-metragem *Visagem* (2006).

Walcyr Monteiro foi membro da Associação Regional de Sociólogos, da Associação Paraense de Escritores e da Academia Paraense de Jornalismo (APJ), além de integrar o Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP) e o Centro Paraense de Estudos do Folclore, entre outras instituições e associações.

Em 2008, recebeu a medalha Folclorista Emérito, concedida pela Comissão Nacional de Folclore¹, em cerimônia realizada na cidade de São Paulo. Em 2012, foi a vez do Tribunal de Justiça do Pará reconhecer os serviços prestados pelo escritor para o engrandecimento do estado, outorgando-lhe o grau de Comendador da Ordem do Mérito Judiciário.

Walcyr Monteiro faleceu em 29 de maio de 2019, deixando um enorme legado de preservação cultural da Amazônia, expressado em seus contos, riquezas folclóricas e na sabedoria popular acerca dos mitos, lendas e religiosidades da região (Agência Pará, 2019).

3. 1. Contexto histórico da obra

Durante o final da década de 1960 e o início da década de 1970, Belém, assim como o restante do país, vivia sob a forte e repressiva Ditadura Militar, iniciada em 1964 e que perdurou até 1985. Nesse contexto, a vida urbana de Belém concentrava-se, segundo Raquel Cunha e Flávio Silveira (2009), nos bairros Campina, Cidade Velha, Batista Campos, Nazaré, São Brás e outros considerados nobres. O fluxo mais intenso de pessoas ia apenas até o bairro do Souza. A única via de acesso a essa região era a Avenida Almirante Barroso, pois, até então, a Avenida Augusto Montenegro não havia sido urbanizada.

Dado o contexto de repressão, perseguições e prisões durante a Ditadura Militar, o escritor Walcyr Monteiro foi um dos alvos dos militares, sendo preso em 1967 sob a acusação de envolvimento no planejamento de uma guerrilha na Amazônia. Ele foi detido na 5ª Companhia de Guarda, localizada na Cidade Velha – atualmente conhecida como Casa das

¹ Diferentemente de Inglês de Sousa, que adotou o Naturalismo em sua escrita, Walcyr não seguiu uma corrente específica, mas foi reconhecido nacionalmente como folclorista ao receber, em 2008, a medalha de Folclorista Emérito da Comissão Nacional de Folclore.

Onze Janelas – e posteriormente no 26º Batalhão de Caçadores, hoje intitulado 2º BIS, na Avenida Almirante Barroso. No entanto, segundo Monteiro, ele jamais esteve envolvido em qualquer guerrilha e enxerga o episódio como uma difícil etapa de sua vida, pois, na época, muitos amigos se afastaram ou evitavam qualquer aproximação por medo de se comprometer ou sofrer represálias (Victório, 2014).

Décadas mais tarde, impulsionado pela ação da Comissão da Verdade², Walcyr Monteiro descobriu que sua prisão foi motivada por uma delação premiada de um funcionário do setor gráfico do Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social do Pará (IDESP). Esse funcionário havia impresso material com ideias consideradas subversivas pelos militares e, temendo ser descoberto, atribuiu a culpa a Monteiro, que não possuía qualquer relação com o caso (Corrêa, 2022 *apud* Santos, 2023).

Durante os anos marcados pelo golpe militar (1964-1985), Walcyr trabalhou como professor de História no ensino médio (1965-1976). No ensino superior, lecionou Antropologia Cultural na Escola de Enfermagem Magalhães Barata, da Universidade do Estado do Pará (UEPA), entre 1968 e 1972, e ministrou aulas de Economia Brasileira e Ciência Política nas Faculdades Integradas do Colégio Moderno, entre 1981 e 1982 (Santos, 2023).

Pouco antes do início da Ditadura Militar, ainda em 1962, Walcyr Monteiro deparou-se com uma questão que o motivou a escrever sobre mitos e lendas da Amazônia: a chegada da televisão em Belém. Diante dessa inovação, Monteiro temeu que um dos principais traços da cultura paraense – a tradição de narrar histórias fantásticas do imaginário popular – desaparecesse. Foi nesse contexto que surgiu a obra *Visagens e Assombrações de Belém*, publicada em 1986. No entanto, sua jornada de preservação da memória teve início ainda em 1972, quando publicou sua primeira história no jornal *A Província do Pará*.

3. 2. Sobre a obra

Walcyr Monteiro considerava sua obra *Visagens e Assombrações de Belém* um objeto histórico que retratava Belém no ano de 1972. As pesquisas sobre as histórias de visagens e assombrações ocorreram entre 1969 e 1972, culminando com a publicação de suas narrativas na imprensa aos domingos, no mesmo ano.

² Órgão temporário criado com o objetivo de expor crimes das ditaduras contra os direitos humanos. No Brasil, a Comissão da Verdade foi instituída por meio da Lei nº 12.528 e oficialmente instaurada em maio de 2012, com a finalidade de investigar crimes, mortes e desaparecimentos praticados por agentes do Estado entre os anos de 1946 e 1988 (Ponchirolli, 2019).

Curiosamente, a ideia de escrever sobre a temática surgiu logo após observar o impacto da televisão em Belém. Ele conta que, quando era pequeno, as pessoas costumavam sentar-se em frente às suas casas para contar histórias sobre visagens e assombrações. No entanto, com a popularização das novelas televisivas, essa prática foi substituída por discussões sobre os personagens dessas produções. Temendo que as histórias de personagens míticos originários da região – um traço tão marcante da cultura amazônica – desaparecessem, Monteiro passou a catalogar e divulgar essas narrativas (Victório, 2014).

Dessa forma, movido pelo receio do apagamento da tradição oral de lendas e mitos, Monteiro iniciou as publicações no jornal *A Província do Pará*, em 1972, com o primeiro conto, “A Matinta Perera do Acampamento”. O sucesso foi tanto que o escritor passou a receber inúmeras cartas de leitores agradecendo pelas histórias, além de diversos pedidos para que a coletânea fosse transformada em livro. Assim, 14 anos após a primeira publicação de “A Matinta Perera do Acampamento” no jornal, Walcyr Monteiro lançou *Visagens e Assombrações de Belém*, em 1986, reunindo 25 contos selecionados pessoalmente, dando continuidade à tradição das histórias sobrenaturais paraenses.

Analisando mais detalhadamente a escrita de Walcyr Monteiro, nota-se que, diferentemente de Inglês de Sousa, ele adota uma linguagem mais coloquial, o que se justifica tanto pela diferença temporal entre as obras quanto pelos gêneros textuais. Sousa escreveu *Contos Amazônicos* no final do século XIX, publicado em 1893, sob a perspectiva do Naturalismo, com traços do Realismo, enquanto *Visagens e Assombrações de Belém*, de Monteiro, foi publicado no final do século XX, com sua primeira edição lançada em 1986. Essa diferença temporal não apenas evidencia uma mudança nos padrões linguísticos, mas também nas abordagens adotadas para objetos de pesquisa similares.

3. 3. A obra

Inspirado pela necessidade de preservar um dos principais expoentes da memória e da cultura paraense, mais especificamente na cidade de Belém, Walcyr Monteiro pesquisou e coletou relatos de histórias, utilizando-se de fontes orais, do ano de 1969 a 1972, sendo que, particularmente, a pesquisa sobre “O Culto das Almas” foi realizada de 1971 a 1972. A obra de Monteiro foi dividida em cinco partes: a primeira, relativa à coletânea dos contos sobre visagens e assombrações; a segunda, uma descrição sobre o “Culto das Almas”; na terceira parte, um estudo histórico, político e econômico sobre seu foco de pesquisa, a cidade de

Belém; na penúltima parte, o autor analisa os fenômenos registrados e, por fim, apresenta suas conclusões.

Dessa forma, o autor expõe os contos sem julgá-los reais ou não, apenas com o intuito de preservar memórias que permeiam o imaginário popular belenense. Após narrar cada uma das histórias selecionadas, ele adentra em uma abordagem interpretativa acerca das religiosidades, destacando que esse não é um estudo globalizado da vida religiosa de Belém, mas sim uma busca por possíveis explicações para a origem das visagens, das assombrações e do Culto das Almas (Monteiro, 2000).

Inicialmente, Walcyr Monteiro narra um diálogo entre jovens de um bairro qualquer de Belém, no ano de 1972, em que uma das jovens vê um vulto e, diante do alvoroço entre os amigos, iniciam-se os debates, pois alguns acreditavam no sobrenatural, enquanto outros não. Eles decidem, então, reunidos em frente à casa de um dos jovens, contar histórias e relatos de visagens e assombrações, dando início à saga com a primeira história do livro, “A Matinta Perera do Acampamento”.

Antes de adentrar algumas das principais histórias do livro de Monteiro, é importante destacar a maneira como o autor classificou os 25 relatos presentes:

- **Visagens mitológico-assombradoras** (personagens ligados a mitos da Amazônia que assombram ou agridem pessoas): “A porca do Reduto”, “A Matinta Perera do Acampamento”, “O Lobisomem da Pedreira”, “O Homúnculo do Largo da Sé”, “A Matinta Perera da Pedreira”, “A Mãe d’Água do Igarapé São Joaquim” e “Morada de Caboclo”;
- **Visagens de encantados** (seres originários de um “reino encantado”): “O estranho cliente do Dr. X”, “As ilhas encantadas do Marajó” e “O pai-de-santo do Jurunas”;
- **Visagens romanesco-eróticas** (personagens aproximados por meio de sentimentos afetivos ou eróticos): “Fantasma erótico da Soledade”, “Noivado sobrenatural”, “Encontro na praça” e “A moça sem face”;
- **Visagens filantrópicas ou aparições** (espíritos que são amigos ou protetores dos personagens): “O espectro e a botija” e “Receitas e operações sobrenaturais”;
- **Almas penadas** (espíritos que ficam vagando pela terra como forma de pagar seus pecados): “O fantasma do Hirondele”, “O cruzeiro do Telégrafo”, “Aparições no parque”, “A ponte do Igarapé das Almas”, “A procissão das Almas”, “O grito dos lenhadores da Pedreira”, “A moça do táxi”, “Aposta macabra” e “O carro

assombrado”.

Partindo das classificações feitas pelo autor, as visagens mitológico-assombradoras, definidas por ele como aquelas que estão relacionadas a mitos da Amazônia e que costumam assombrar ou agredir pessoas, destacam-se na história do “Homúnculo do Largo da Sé”. Certa noite, José voltava para casa após ingerir algumas bebidas alcoólicas, quando se sentiu vigiado, mas ignorou a sensação. Em seguida, foi surpreendido ao ser agarrado por uma criatura minúscula e peluda. Desesperado e gritando por ajuda, viu o pequeno ser entrar em um bueiro, enquanto os curiosos tentavam entender o que acontecia em meio aos gritos. José, ao relatar o ocorrido, instigou os moradores a procurarem a criatura com lanternas dentro do bueiro, mas nada foi encontrado. Sentindo o cheiro de bebida vindo do homem, os moradores acharam que ele estava apenas bêbado e vendo coisas, mas José insistia que havia sido agarrado pelo homúnculo.

Outra história que ilustra a forma como esses seres sobrenaturais podem assombrar ou agredir pessoas é “A Mãe d’Água do Igarapé de São Joaquim”. Nela, Dona Anita narra a Monteiro a experiência que teve, ainda adolescente, no igarapé, quando levou flores para o que chamou de “aniversário da Mãe d’Água”. Na ocasião, Anita acompanhava sua irmã, que lavava roupa no igarapé. Apesar dos alertas das senhoras que estavam no local, as duas começaram a brincar na água.

Subitamente, Anita foi puxada pela correnteza e cercada por uma cobra coral vermelha com uma cruz branca na cabeça. Quando finalmente conseguiu sair da água, foi alertada pelas senhoras sobre como não se pode mexer com os donos dos lugares, pois cada floresta e igarapé têm seus guardiões, os quais devem ser respeitados.

Ao chegar em casa, Anita e sua irmã começaram a arder em febre e, apenas com o auxílio de remédios caseiros, conseguiram adormecer. No entanto, acordaram no meio da noite com uma forte sensação de medo e de estarem sendo observadas. Ao olharem ao redor, avistaram duas cobras na direção de suas redes. Em desespero, a família providenciou que fossem até as “experientes”, que logo constataram que Anita e sua irmã haviam sido assombradas pela Mãe d’Água do Igarapé de São Joaquim. Depois disso, Dona Anita nunca mais desrespeitou os “donos” dos igarapés, furos e rios.

Nesse conto, observa-se a aplicação do termo “assombrado”, o qual Monteiro explica como o estado de alguém que, após contato com uma alma, sofre castigos físicos, como dores de cabeça e febre, uma espécie de punição sobrenatural para ensinar uma lição – exatamente como ocorreu com Anita e sua irmã.

De maneira similar ao conto “A Mãe d’Água do Igarapé de São Joaquim”, a ideia de respeitar seres sobrenaturais para evitar consequências também aparece na história “A feiticeira”, de Inglês de Sousa. Nela, há um debate sobre a crença no sobrenatural, tendo como exemplo Antônio de Sousa, que desafiou Maria Mucoim e sofreu as consequências. O conto destaca o contraste entre aqueles que acreditam no sobrenatural e respeitam suas regras e aqueles que não se importam e acabam sendo “assombrados” (Belém de Arrepiar - Nathan, 2017), assim como ocorreu com Anita e sua irmã e com o tenente Antônio de Sousa em *Contos Amazônicos*.

Na história “Procissão das Almas”, mais uma vez há a tentativa de transmitir um ensinamento. A personagem principal, Carmelina, é descrita como uma mulher fofoqueira, que sabia de tudo sobre a vida de seus vizinhos. Em uma sexta-feira à noite, enquanto observava um casal de namorados em frente à sua casa – localizada na Travessa Castelo Branco, próximo à Avenida Conselheiro Furtado –, seu cachorro, Rex, começou a latir inquieto. Logo depois, Carmelina ouviu vozes e cânticos, que despertaram ainda mais sua curiosidade. Tratava-se de uma procissão, composta por figuras que pareciam apenas contornos (espectros) segurando velas. Uma delas aproximou-se de Carmelina e entregou-lhe uma vela, avisando que logo voltaria para buscá-la. No instante em que Carmelina segurou a vela, esta apagou. A procissão seguiu em direção ao Cemitério de Santa Izabel.

Desesperada, a mulher tentou sair de lá e fechar a janela, mas não conseguia mover-se, permanecendo imóvel, com a vela nas mãos, até o amanhecer. Quando finalmente conseguiu se mexer, colocou a vela na cômoda ao lado e deitou-se até pegar no sono, mas foi acometida por um sonho angustiante, no qual se via cercada por seres espectrais. Ao despertar, foi verificar a vela que lhe haviam dado e, na verdade, era um osso, mais especificamente um fêmur. Correu para contar aos familiares, que não haviam ouvido nada na noite anterior, e, assim, sua única “prova” era aquele osso.

Carmelina, então, buscou frades capuchinhos a fim de entender o significado daquele acontecimento e saber o que deveria fazer. Lá, foi orientada a passar o dia rezando pelas almas sem paz e a esperar sozinha à noite, no mesmo horário, pois, provavelmente, voltariam para buscar o osso que fora deixado. Também foi informada de que aquilo poderia se tratar de alguma mensagem que queriam lhe transmitir.

Na sexta-feira seguinte, Carmelina seguiu exatamente as orientações recebidas. A procissão reapareceu no mesmo horário, e uma mulher veio em sua direção para pegar o osso, dizendo-lhe que esperava que ela tivesse aprendido a lição. Acrescentou que sua sorte foi ter procurado os frades, pois, do contrário, nem poderia imaginar o que lhe aconteceria. A mulher

também pediu que Carmelina refletisse mais sobre si mesma e seus próprios defeitos, deixando de se incomodar com a vida alheia, pois, se agisse conforme o que lhe fora recomendado, ainda poderia ser feliz.

Dessa forma, assim como em “A Mãe d’Água do Igarapé de São Joaquim”, “A Procissão das Almas” reflete a tentativa das narrativas de transmitir ensinamentos de vida: uma sobre o respeito aos seres sobrenaturais e à natureza; outra, a respeito da moralidade e da importância de olhar com mais atenção para as próprias atitudes, em vez de observar demasiadamente a vida alheia.

Outro ponto relevante a ser considerado é a forma como a ambientação do lugar, por meio das descrições do autor, contribui para o conto. Constantemente, são lembrados lugares de mata e pântano, semelhantes a muitas regiões interioranas, onde essas histórias ainda são comuns. Essa ambientação foi debatida por Rudá Silva de Pinho em *Perspectivas espaciais sobre a construção do imaginário de medo em bairros periféricos de Belém do Pará (1950-1980)* (2017), em que o autor destaca como as mudanças na paisagem da cidade de Belém, em um contexto de grandes transformações e chegada de imigrantes, levaram à concentração populacional nas regiões periféricas. Isso resultou na projeção de mentalidades acerca de mitos e lendas antes comuns nas cidades interioranas do estado do Pará. Ou seja, segundo Pinho (2017), nem mesmo as muitas transformações fizeram desaparecer o imaginário belenense; pelo contrário, ele foi realocado para uma nova região, com elementos naturais como rios, igarapés e árvores que remetem à vida dessa população no interior, levando-a a reproduzir histórias sobre visagens na periferia da capital devido à semelhança com o ambiente rural.

Como exemplo, em “A Matinta Perera do Acampamento”, é relatado como esse ser parece ser inimigo do progresso e do desenvolvimento, pois sempre que aldeias se tornam cidades, ele desaparece. No entanto, na história, a população do período foi surpreendida, na metrópole, por um assobio característico, conhecido como sinal de Matinta Perera, até que se reuniram para realizar um ritual que prometia resolver o problema do “agourento” assobio. Para isso, era necessário enterrar no quintal uma tesoura virgem, uma chave e um terço. Quando finalmente capturaram um porco, que acreditavam ser Matinta – haja vista que ela pode se transformar no animal que quiser –, chamaram a polícia.

No local, o porco transformou-se em mulher, que foi detida, mas logo liberada por falta de provas, afinal, não havia sentido em manter uma mulher presa apenas por ser acusada de ser Matinta. Esse conto denota, portanto, a reflexão de Monteiro acerca da localidade, considerando a permanência da crença em um personagem tipicamente mitológico nos bairros

de Belém, ainda que em uma ambientação diferente daquela em que a Matinta Perera é mais falada: as regiões interioranas do estado do Pará.

Além disso, as histórias classificadas como “visagens romanesco-eróticas” fazem parte de um dos maiores destaques da obra de Walcyr Monteiro, sendo importante pontuá-las. Como destacado pelo próprio autor, todas as histórias coletadas por ele sob essa classificação correspondem a personagens femininas – visagens que buscam homens, nunca o contrário.

Por exemplo, em “Fantasma Erótico da Soledade”, um homem estava prestes a encerrar o expediente de trabalho quando foi abordado por uma mulher que pedia ajuda para encontrar um túmulo específico no cemitério Soledade. Flávio recusou-se, pois o expediente havia acabado, mas, diante da insistência da mulher e percebendo que ela não era da região, cedeu, tentando ser hospitaleiro.

No cemitério, após procurarem em todos os lugares, não encontraram nada. Então, a mulher sugeriu que fossem até o local onde ficam as ossadas. Lá, ela tentou agarrá-lo, o que fez com que Flávio encarasse a situação como desrespeitosa. Assustado, correu. Ao olhar para trás, viu que a mulher havia desaparecido magicamente. No dia seguinte, Flávio não foi trabalhar; internou-se no Hospital Beneficente Portuguesa com febre alta e delírios – sintomas que correspondem ao que acomete aqueles que ficam assombrados –, afirmando que um fantasma tentara amá-lo dentro do Cemitério Soledade.

Além das histórias classificadas como romanesco-eróticas, destaca-se a história da “Moça do Táxi”, uma das mais famosas lendas da cidade de Belém. Na narrativa, Josephina Conte chama um táxi na Praça Justo Chermont, com destino à Avenida José Bonifácio, em frente ao Cemitério Santa Izabel; em outras versões, ela fazia o trajeto contrário. Durante a corrida, a moça pede para realizar um passeio mais longo pela cidade e diz ao motorista para não se preocupar, pois esse passeio era um presente de aniversário concedido por seu pai todos os anos, na mesma data.

No percurso, ela comenta sobre diferentes áreas do centro de Belém, pontuando diversas mudanças na paisagem ao longo do tempo, o que desperta a curiosidade dos motoristas, mas que, ainda assim, continuam o trajeto conforme o combinado. Ao chegar ao destino final, Josephina avisa que seu pai pagará a corrida e entrega ao motorista um papel com o endereço, no qual está escrito: “Avenida Nazaré, nº...”. Quando o motorista chega ao endereço fornecido, encontra uma mulher e informa que veio cobrar a corrida de uma moça. No entanto, a mulher afirma que não houve corrida alguma e que ela não tem filhos.

Indignado, o taxista aponta para uma foto de uma jovem que está na sala e diz que aquela foi sua passageira. Em choque, a mulher chora e alega que a moça, na verdade, era sua

filha, falecida há um ano, e que teria feito aniversário no dia anterior. A mulher conclui, ainda, que, de fato, seu pai sempre lhe dava um passeio de táxi pela cidade como presente de aniversário. Assustado, o taxista demora a acreditar que a passageira era um fantasma e pede uma prova, até que o pai de Josephina chega e o leva ao Cemitério Santa Izabel. Chegando lá, caminham até o túmulo da moça, onde está a mesma foto que o motorista avistou na sala da casa deles.

Assim como a história possui diferentes versões apresentadas por Walcyr Monteiro, os desfechos em relação aos taxistas também variam. Em alguns relatos, o motorista encara o fato com naturalidade; em outros, tem uma crise nervosa, é internado, mas logo recebe alta e se recupera. Além dessas versões, há quem afirme que ele teria sido internado no Hospital Juliano Moreira, completamente perturbado mentalmente.

É importante frisar que a história de Josephina Conte, mais conhecida como “A Moça do Táxi”, é classificada por Walcyr Monteiro, em *Almas Penadas*, o que leva à discussão sobre o que seriam exatamente visagens, assombrações e aparições. Segundo o autor, a primeira não causa mal à saúde além do susto; a segunda pode acarretar sintomas físicos, como febre, dor de cabeça e perda de consciência, entre outros; já a última não causa medo nem mal algum e é interpretada como uma bênção, pois beneficia aqueles a quem aparece. Dessa forma, conforme algumas versões, a história de Josephina Conte ora é entendida como visagem, ora como assombramento. Isso se deve aos diferentes efeitos do contato com a alma: enquanto alguns personagens apresentaram sintomas físicos, outros apenas se assustaram por terem tido uma alma penada como passageira.

A obra *Visagens e Assombrações de Belém* trata-se, então, de um compilado de histórias sobre lendas e mitos presentes no imaginário belenense, que revelam traços do cotidiano e do modo de vida da população local. Como reflete Monteiro (2000), essas histórias, por vezes, buscam transmitir algum tipo de mensagem, como ocorre em “O Espectro e a Botija”, que alerta sobre os perigos de enterrar tesouros, ou em “A Procissão das Almas”, que ensina a não se preocupar tanto com a vida alheia. Além disso, algumas histórias exprimem a importância da relação respeitosa com a natureza, como em “A Mãe-d'Água do Igarapé de São Joaquim”. A sexualidade feminina também é abordada nas histórias classificadas por Monteiro como romanesco-eróticas, nas quais a figura do fantasma feminino seduz, persegue ou assombra homens. Ainda, há as aparições interpretadas pelos populares como castigos ou promessas de pacto com o diabo, como nas narrativas sobre Matinta Perera e lobisomens.

Essas histórias, seguindo o que postulou Walcyr Monteiro (2000), ao afirmar que muitas delas são formas de transmitir mensagens e ensinamentos, demonstram como grande parte da construção social e cultural amazônica está relacionada a esse imaginário “encantado”, capaz de moldar ações e impor comportamentos morais e sociais que refletem diretamente no modo de vida belenense.

Além do compilado de histórias sobre visagens e assombrações, Monteiro detalha o “Culto das Almas”, prática realizada nos cemitérios Santa Izabel e Soledade. Trata-se de uma manifestação de religiosidade popular, que envolve devoção a figuras consideradas milagrosas e que, em vida, enfrentaram grande sofrimento, abandono ou morte trágica. O culto é caracterizado por novenas, acendimento de velas, orações e promessas feitas aos mortos, ocorrendo da seguinte maneira:

1. Escolha de uma alma específica ou realização de pedidos de forma geral às almas;
2. Durante nove segundas-feiras consecutivas, visita ao túmulo da alma ou ao espaço dedicado a ela no cemitério;
3. Acendimento de velas em cada visita e realização da novena dirigida às almas, pedindo intercessão, proteção ou pagamento de promessa. São feitas orações como o Pai-Nosso, a Ave-Maria e outras preces;
4. Oferta de flores, copos de água, alimentos, cigarros ou bebidas alcoólicas, como forma de agrado ou pagamento de promessa.

Segundo Walcyr Monteiro, os personagens mais venerados no Cemitério Santa Izabel são: Severa Romana, Dr. Camilo Salgado e Dr. Crasso Barboza. Já no Cemitério da Soledade, destacam-se: Raimundinha Picanço, Preta Domingues e Menino Cícero. Em relação ao que leva essas almas a serem cultuadas, o autor destaca que Raimundinha Picanço teria sido envenenada pela madrasta e pelos irmãos, e seu espírito teria aparecido a uma criança no cemitério, dando início aos relatos de milagres; Preta Domingues era uma ex-escravizada conhecida por sua bondade, cuja devoção começou após relatos de pedidos atendidos; o Menino Cícero faleceu ainda criança e é cultuado por sua pureza; Severa Romana, por sua vez, foi assassinada em defesa de sua honra e seu túmulo, segundo relatos, iluminou-se de maneira sobrenatural, dando início ao culto à sua alma; por fim, Dr. Camilo Salgado e Dr. Crasso Barboza eram médicos que passaram a ser cultuados após relatos de curas atribuídas às aparições de suas almas. Todas essas almas são classificadas como “aparições”, haja vista a

conotação benéfica que recebem em seus relatos, estando associadas a milagres, boas ações, curas e pureza (Monteiro, 2000).

Outrossim, o autor destaca como o “Culto das Almas” é parte integrante da cultura local e está relacionado à forma como o povo de Belém lida com a morte e o sagrado, não se limitando apenas a elementos religiosos, mas também culturais e sociais. Essa prática constitui uma maneira de preservar a memória coletiva. Nesse contexto, portanto, o cemitério é visto não apenas como um lugar de morte, mas também de fé e esperança.

Além disso, Monteiro (2000), em suas reflexões, destaca a atuação do comércio em torno dos cemitérios, com a venda de adereços, orações impressas, velas, itens religiosos em geral, flores, rosários e terços. Além das vendas desses itens, ressalta-se o turismo religioso, promovido por guias turísticos que oferecem passeios nesses locais, explicando as histórias famosas e a realização de cultos.

Outro ponto debatido por Monteiro ao analisar o “Culto das Almas” é a presença do sincretismo religioso, exemplificado nas oferendas, comumente relacionadas à Umbanda, mas dentro de um contexto de culto às almas mediante promessas e novenas. Isso difere do que postulou Galvão (1955), que afirmava não existir um sincretismo verdadeiro no sentido de fusão entre religiões para um propósito específico. A partir da constatação do sincretismo, segundo Monteiro, não é possível analisar as religiosidades de Belém restringindo-se apenas às grandes religiões ou seitas, uma vez que as crenças nas histórias fantasiosas e milagrosas podem ser interpretadas pelas religiões tradicionais como possessões demoníacas, quando, na verdade, são fruto desse sincretismo religioso que mistura catolicismo, Umbanda, espiritismo, entre outras religiões, servindo a um mesmo propósito – o “Culto das Almas”.

Portanto, a pesquisa de Monteiro não se trata de um estudo globalizado da vida religiosa em Belém, mas sim de uma possível explicação para as origens das visagens, assombrações e do “Culto das Almas”, constatando que estas³ são apenas uma das formas de expressar crenças de origem negra, europeia e indígena. Ele também afirma que essas crenças estão sujeitas a uma geolocalização e que são intensificadas pela migração de moradores das regiões interioranas do estado do Pará. Em suas palavras:

O processo de formação da atual população amazônica provocou reformulações nas crenças originais, que se encontram mais perto de suas origens no interior, cuja maior parte da população é cabocla, diminuindo na capital pela sua posição geo-econômica, que tem, como consequência, maior

³ Segundo Walcyr Monteiro (2000), as crenças em visagens, assombrações e a perpetuação do “Culto das Almas” nos cemitérios de Belém estão relacionadas ao sincretismo religioso, que envolve raízes negras, europeias e indígenas, as quais estão ligadas, direta ou indiretamente, ao “Culto das Almas”.

intercâmbio cultural com centros mais adiantados. Contudo, mesmo em Belém, traços culturais vivos de tais crenças se fazem sentir, reavivados mais ainda pela contínua vinda de interioranos para a capital (Monteiro, 2000, p. 251).

Monteiro destaca, então, que a chegada de interioranos à cidade de Belém, com o objetivo de trabalhar⁴ em casas de famílias abastadas, geralmente como amas e empregadas, contribuiu para a perpetuação da tradição oral de lendas e mitos na região. Segundo ele, esse contato levou a uma aproximação dessas trabalhadoras com crianças, permitindo-lhes contar histórias fantasiosas, que eram comumente disseminadas nos interiores do estado do Pará (Monteiro, 2000).

Do mesmo modo que a análise de Monteiro se concentra no meio urbano belenense, Inglês de Sousa, um século antes dele, buscou retratar a materialidade dessas vivências cotidianas no contexto rural mencionado por Monteiro. Assim, a migração de pessoas das regiões interioranas para a cidade de Belém contribuiu diretamente para a permanência dessas crenças no núcleo urbano, mesmo diante da força do catolicismo na capital e da tentativa de apagamento desses traços culturais, identificada por Eduardo Galvão (1955). Inclusive, é diante do que Monteiro interpretou como uma ameaça à preservação desse traço tão marcante da cultura paraense – contar histórias de mitos e lendas – que ele escreve sua obra *Visagens e Assombrações de Belém*.

Além de mapear a influência do caboclo amazônico em Belém, Monteiro acrescenta à discussão reflexões sobre o nível de crença dos indivíduos em visagens, assombrações e almas, de acordo com suas classes sociais. Nas palavras de Walcyr Monteiro:

A crença em visagens, assombrações ou no poder miraculoso das almas é válida para quase toda a cidade, sendo cultivadoras de almas mesmo as pessoas de alto nível; aí não se acredita, a não ser como lenda ou mito, na Matinta Perera ou no Lobisomem. Entretanto, à medida que vamos saindo do centro da cidade em direção aos subúrbios, não apenas as primeiras crenças são aceitas (visagens, assombrações, almas miraculosas), como também aumenta gradativamente a crença nos seres mitológicos (Monteiro, 2000, p. 229).

Assim, inspirado nas análises de Eduardo Galvão, em *Santos e Visagens* (1955), e de Figueiredo e Silva, na obra *Festa de Santo e Encantados* (1972), ele constata o seguinte panorama social: a classe média e alta (localizada no centro de Belém) crê em cultos

⁴ O autor ressalta que o fluxo de pessoas das regiões interioranas para Belém era muito intenso e motivado por diversas finalidades, além do trabalho, como os estudos (Monteiro, 2000, p. 228-229).

kardecistas e umbandistas, ou seja, acredita em visagens, assombrações e almas milagrosas; já a classe proletária (localizada na região periférica de Belém e, em sua maioria, composta por pessoas vindas dos interiores) fomenta cultos com reminiscências africanas e acredita não apenas em visagens, assombrações e almas milagrosas, mas também em seres mitológicos⁵.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises, denota-se que, enquanto Walcyr Monteiro, em sua obra *Visagens e Assombrações de Belém* (1986), discute o imaginário popular belenense acerca de histórias fantásticas, Inglês de Sousa adentra o cotidiano da vivência interiorana paraense. Ambos utilizam o mesmo objeto de pesquisa – os contos folclóricos –, mas sob perspectivas distintas, por meio de linguagens e referenciais também diferentes.

Ao passo que Monteiro se preocupa em mergulhar nas narrativas fantásticas da cidade de Belém, ouvindo as mais variadas fontes até construir uma gama de histórias, com o intuito de preservar a memória e dar destaque a esse traço cultural – o ato de contar histórias sobre visagens e assombrações –, que considera intrínseco à identidade paraense, Sousa permeia, sob a ótica do Naturalismo, as vivências, mazelas sociais e tragédias do cotidiano do caboclo amazônico, envolvendo-as em acontecimentos da história nacional. De forma sutil, ele põe em evidência narrativas fantásticas, mesmo que, inicialmente, isso contraste com sua proposta de estudo sob a perspectiva do Naturalismo. No entanto, tal abordagem logo se justifica à medida que Sousa comprova que não existe análise do imaginário popular paraense sem adentrar suas crenças fantásticas. Nas palavras de Martins e Teixeira (2005):

Como um autor naturalista, que, de um modo geral, tem pretensões científicas, pode fazer tanta referência ao sobrenatural? Na verdade, não podemos esquecer que uma das obsessões de Inglês de Sousa reside justamente na representação de seu locus natal, a região amazônica, e que este mesmo espaço é muito marcado por um imaginário fantasioso, preenchido por um rico e forte repertório mitológico, que, além de povoar a imaginação de seus personagens, chega a orientar, em muita medida, a sua conduta. Assim, na vontade de falar e compreender o comportamento de um tipo humano (proposta tipicamente naturalista), neste caso específico, os vários sujeitos da Amazônia, faz-se necessária a referência à mitologia que o atravessa, mesmo que Inglês de Sousa, como bom naturalista, não acreditasse nela” (Martins; Teixeira, 2005, p. 22-23).

⁵ Walcyr Monteiro explica que lobisomens e matintas pereras, que se transformam em pessoas e vice-versa, são exemplos de seres mitológicos (Monteiro, 2000, p. 228).

Apesar de pontos de vista e referenciais diferentes, a obra de Monteiro relaciona-se diretamente com a de Sousa, dado o pressuposto da permanência das histórias sobre contos místicos na cidade de Belém, que perduram devido à resistência dos saberes e valores culturais e religiosos do interior da Amazônia. Como reflete Galvão (1955), mesmo exposta à religião do colonizador e obrigada a incorporá-la, a população local não apagou completamente seus traços culturais, ainda que mesclados a outras crenças.

Assim, enquanto Monteiro escreve sua obra com o intuito de preservar a memória e evidenciar a importância das histórias sobre mitos e lendas para a construção do imaginário social e cultural da sociedade paraense, utilizando-se, inicialmente, da imprensa, Sousa, com uma proposta diferente, escreveu *Contos Amazônicos* tentando materializar esse imaginário de maneira mais natural, envolto no cotidiano do caboclo amazônico.

Dessa maneira, sob a luz do Naturalismo e da tendência crítica do Realismo de Inglês de Sousa, e por meio de uma escrita folclórica juntamente com análises históricas, antropológicas e sociológicas de Walcyr Monteiro, ambos contribuem significativamente para os avanços nos estudos acerca da construção de um panorama aprofundado sobre mitos e religiosidades da população paraense. Destacam-se, nesse contexto, histórias fantasiosas sobre viagens, assombrações e lendas, as quais são fundamentais para a compreensão da construção social e cultural da identidade e memória paraense.

FONTES

I. FONTES LITERÁRIAS:

MONTEIRO, Walcyr. **Visagens e assombrações de Belém**. 3ª Ed. Belém: Banco da Amazônia, 2000.

SOUSA, Inglês de. **Contos Amazônicos**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA PARÁ. **Nota de pesar: Imprensa Oficial lamenta morte do escritor Walcyr Monteiro**. Agência Pará, Belém, 29 mai. 2019. Disponível em: <https://agenciapara.com.br/noticia/13071/imprensa-oficial-lamenta-morte-do-escritor-walcyr-monteiro>. Acesso em: 20 jan. 2025.
- BELÉM DE ARREPIAR - NATHAN. **Entrevista com Walcyr Monteiro**. YouTube, 23 nov. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T1Bbdtu-8MA>. Acesso em: 4 abr. 2025.
- COUTO, Jéssica Teixeira do. Inglês de Sousa na obra Contos Amazônicos: o homem na luta com o mundo selvagem. **Revista Intercâmbio**. Belém: XIV Congresso Internacional de Humanidades, 2023, p. 1-9.
- CUNHA, Raquel; SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da. Um olhar à cidade de Belém sob o Golpe de 1964: paisagens e memórias de estudantes e artistas. **ILUMINURAS**, v. 10, n. 23, p. 1-25, 2009.
- FIGUEIREDO, Napoleão; SILVA, Anaíza Vergolino e. **Festa de Santo e Encantados**. Belém: Academia Paraense de Letras, 1972.
- GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas**. São Paulo: Nacional, 1955.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- MARTINS, Matheus; TEIXEIRA, Marcos. Cenas da vida do Amazonas: um estudo dos contos de Inglês de Sousa. **Revista de Literatura**. Belo Horizonte: Associação Pré-UFGM, 2005, p. 31-62.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião. **Estudos Avançados**, v. 19, n. 53, p. 259-274, 2005.
- PINHO, Rudá Silva de. Perspectivas espaciais sobre a construção do imaginário de medo em bairros periféricos de Belém do Pará (1950-1980). **Equatorial-Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**, v. 4, n. 6, p. 35-52, 2017.
- PONCHIROLLI, Rafaela. O que é a Comissão Nacional da Verdade? **Politize!**, 7 out. 2019. Disponível em: <https://www.politize.com.br/comissao-nacional-da-verdade/>. Acesso em: 15 fev. 2025.
- PORTO JÚNIOR, Manoel José. Guerra do Paraguai: Visões da História. **História em Revista**, v. 8, n. 8, p. 1-12, 2002.
- SANTOS, Jayna Karolyne de Souza. **Visagens e assombrações de Belém: educação e identidade cultural na obra de Walcyr Monteiro**. 2023. 114 f. Dissertação (Mestrado em

Educação) – Centro de Ciências Sociais e Educação, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2023.

SILVA, Daniel Neves. **Boto-cor-de-rosa**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/folclore/boto-cor-de-rosa.htm>. Acesso em: 19 dez. 2024.

SINCRETISMO. **Dicio: Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2025. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/sincretismo/>. Acesso em: 4 abr. 2025.

VICTÓRIO, Victor. **Outras Palavras: Entrevista com Walcyr Monteiro**. YouTube, 28 out. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oRGqPKBa0uc>. Acesso em: 4 abr. 2025.